Ruenadicha

— Vamos, da-me a tua mão disse-me a pequena cigana que anda agora por aqui a ler destinos. Da-me a tua mão, misanthropo.

Entreguei-lhe a dextra aberta e esperei pelas suas palavras com um sorriso de descrença.

— Has de viver eternamente triste. Has de viver eternamente só. Tens um amor que te mata... Tens um veneno n'alma — a saudade.

— Adivinhaste, cigana. Adeante.

— Foste feliz em moço: amaste.

— Amei, porem não fui correspondido.

— Tiveste uma mulher que te deu beijos.

— Sim, mas eu deu lhe muito mais, cigana. Dei-lhe a minh'alma pura, dei toda a minha vida aquelles olhos falsos, aquelle coração sem alma.

— Alma do coração! — fez a egitanilia sorrindo. Que vem a ser alma do coração?

— Não sabes?

— Não.

— E queres ler os destinos? Dize-me, sabes o que é o perfume?

— Sei — é a voz das flores...

— E' a alma... é a alma das flores... A petala morre, mas o perfume fica na atmosphera embalsamando a natureza. Sabes o que é o azul?

— E' o desejado ponto de chegada das nossas tristes almas.

— O azul cigana, é a alma do Universo como a nossa alma, é o azul d'este arcaboiço que arrastamos. Sabes o que é a luz?

— E' a alma de Deus. Cada estrella é uma hostia onde se concentra o espirito do Almo. Sabes o que é o amor?

— Sei, é o peccado de Eva.

— E' a alma do coração, cigana. E, como o Creador fez o espirito dos nossos primeiros pais apenas com o sopro divino, nos fazemos a alma do coração apenas com um aperto de mão, com um sorriso, com um beijo santo que tudo purifica e anima. As estrellas, crê no que te digo, cigana as menores estrellas, são beijos de anjos crystallisados no azul. Queres ser como a estrella?

— Sim.

— Beija. O beijo, minha filha, é a unica musica que faz esquecer a lagrima. Quando vires duas boccas unidas espera o som do beijo — o beijo é a voz do coração como o soluço é a voz da agonia. Um coração sem amor é um corpo sem alma. Se não tens amor procura-o; porque só os mortos não amam, e é por isto que se diz que os mortos não teem alma — a alma no corpo só tem um mister, é fazer dia no coração que é um pequeno universo com estrellas, sóes, luas, tempestades e auroras. Vai, antes, de mais nada, para que possas comprehender a natureza a fundo, ama! O amor é que nos abre a porta da felicidade. Vês como sou triste? e que não amo mais, porque o meu coração está morto. E's nova, acceita o meu conselho, cigana, antes de procurar fortuna a mulher deve procurar amor. Vai... ama... é este o meu conselho.

Coelho Netto.

NINON DE LENCLOS

escarneceu da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verdadeiro!» vin-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquella epoca, descobriu-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, Maison Leconte, *Rue du 4 Septembre, 31* à Paris.

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de *VERITABLE EAU DE NINON*, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e torna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exoticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se *l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella*, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, limpe-os e branqueie-os com l'*Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella*.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás **mães quando dão de mamar**, aos **convalescentes**, aos **anemicos**, aos **velhos**; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO
Receitado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.

A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no periodo de crescimento. *Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.*
PARIZ, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE é curada com o verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy do Dr SOULIGOUX
O vidro de cerca de 25 doses: 2 fr. 50

Perfumaria extrafina
L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trèfle incarnat
L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO
A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o toucador

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ — PASTA E ELIXIR

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Impériale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Moika, Muguet, Œillet Reine, Impérial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougère Royale, Gloxinia, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Girollée, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES: Ophélia, Peau d'Espagne, Violette idéale, Fougère Royale, Lait de Thridace, Royal Houbigant.
PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

A humildade

Vinde a mim todos os que andaes em trabalhos e vos achaes carregados, e eu vos alliviarei.

Tomae sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanço para as vossas almas.

Porque meu jugo é suave e o meu peso é leve. (*Evangelho segundo Mattheus.*)

Como baixeza ou fraqueza de caracter, é que o erróneo criterio humano que se presume mentalmente adiantado, considera a humildade, e, no entanto, é ella a mais bella feição da entidade moral do homem!

De todos os sentimentos com que o espirito manifesta no coração humano o seu aperfeiçoamento, nenhum da d'elle tão elevado testemunho como o sentimento da humildade.

Elle denota effectivamente um grande aperfeiçoamento moral, porque só pode ser verdadeiramente humilde o que for manso, magnanimo e affectuoso.

Estas qualidades, quando natural e sinceramente se manifestam no coração, dão ao ser humano uma força e uma superioridade que o vão tornando invulneravel ás miserias da vida, porque taes qualidades só resultam de uma grande lucidez mental que observa todas as cousas pelo prisma da mais rigorosa verdade.

E, de facto, para ser-se verdadeiramente manso, é necessario ter uma perfeita comprehensão d'esta sentença evangelica: — «Na vossa paciencia possuireis as vossas almas.»

Para ser-se magnanimo, é preciso possuir um tão esclarecido entendimento que bem possa julgar dos erros e das fraquezas dos seus semelhantes para fazer-lhes a justiça de lhes perdoar os aggravos.

E não se pode ser affectuoso senão quando se sente profundamente a convicção da egualdade dos filhos de Deus, annullando por completo todos os impulsos do orgulho e do egoismo humanos, que se oppõem a essa egualdade.

A humildade, pois, bem pode considerar-se um sentimento constituido d'estas tres coisas sublimes: paz, misericordia e amor.

A propria maldade dá da superioridade d'esse sentimento eloquente testemunho quando hypocritamente o simula para illaquear a boa fé.

E', talvez, por isso que insensatamente se confunde com a humildade o que só é aviltamento e servilismo.

Sem a natural expontaneidade do coração, que faz a sinceridade, a humildade só pode ser a mascara da hypocrisia.

Jesus, que era manso e humilde de coração, e, sem duvida alguma, o mais perfeito modelo da humildade.

A correcção sublime da dignidade do seu caracter, que a confirmação do clero catholico não raro falsea lastimosamente, denota-se admiravel em todos os actos da sua vida: quer quando verbera com authoridade e justiça a infamia e a hypocrisia pharisaicas, quer quando conforta o peccador com a parabola do Filho prodigo, quer quando colloca a adultera sob a egide inatacavel da sua justiça e clemencia, quer finalmente, quando diz a Poncio Pilatos, o poderoso governador romano, quando este alardeia o poder que tem de o soltar e de o crucificar:

— «Tu não terias sobre mim poder algum, se elle te não fosse dado lá de cima. Por isso o que me entregou a ti tem maior peccado.»

Mas até nos ataques da maior brutalidade o correcto exemplificador da perfectibilidade humana se mostrou sublime de humildade e justiça.

Com que admiravel calma e elevado senso respondeu elle á bofetada que o servo adulador do Pontifice Annaz lhe deu dizendo-lhe:

— Assim é que tu respondes ao Pontifice?

— Se eu fallei mal, respondeu Jesus, dá tu testemunho do mal; mas se fallei bem, por que me feres?

E entalando n'este dilemma de justiça a consciencia do miseravel, que não teve palavras que justificassem o seu brutal proceder, deixou patente a sua preversa e [illegible]!

E' esta [illegible] e [illegible] de quem possue a [illegible] da razão de ser de todas as cousas e as julga com perfeita justiça, que faz a humildade de que o Divino Mestre é indefectivel modelo.

Foi com ella que elle venceu o Mundo, elevando-se acima de todas as consciencias humanas!

Como [illegible] d'esta humildade, se comprehende a [illegible] verdade que encerra a phrase de Alexandre Herculano: — «Orgulho humano, qual és tu mais: feroz, estupido ou ridiculo?»

Mas nem sempre a falsa humildade é producto da hypocrisia.

Sem ser expontanea e natural, ella pode, com tudo, ser uma condição forçosa da vida, imposta pelo designio da Providencia Divina ao espirito para correcção dos seus erros, e, n'este caso, é uma provação retemperadora do sentimento.

Violentado o espirito orgulhoso á sua missão das circumstancias modestas de que a Providencia o rodeia, elle vae, mau grado seu, lapidando o coração das asperezas ou opacidades do orgulho e do egoismo para poder reflectir em si a luz da verdade que, elevando o sentimento, esclarece o entendimento.

E a proporção que se vae conformando com a modestia dessas circumstancias e as aceita como justas e como boas, vae adquirindo a expontaneidade natural que faz a sinceridade d'esse sentimento sublime que se chama humildade de coração, e que o torna inaccessivel ás fraquezas e ás miserias da existencia humana.

Eis porque o Divino Mestre dizia aquelles que o seguiam:

— «Vinde a mim, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanço para as vossas almas, vós que andaes em trabalhos e vos achaes carregados».

E ainda:

— «Bemaventurados os mansos; porque elles possuirão a Terra; Bemaventurados os limpos de coração; porque elles verão a Deus; Bemaventurados os pacificos; porque elles serão chamados filhos de Deus».

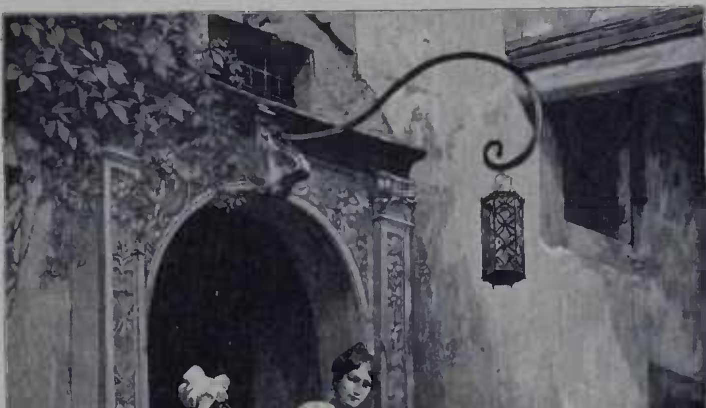
A verdadeira humildade, portanto, outra cousa não é senão a bemaventurança dos mansos, dos limpos de coração e dos pacificos.

Presuma, embora, o criterio dos que se julgam sabios e grandes, que a humildade é baixesa ou fraqueza de caracter.

Elles proprios se desmentem a si quando, para se inculcarem bons, se mascaram hypocritamente com as apparencias da humildade.

E' que não pode haver santidade sem humildade!

VICTOR A. VIEIRA.



PARA A RECEPÇÃO

O conde de Morphy

Um anedocta — Recordações do D. Affonso XII

Recorda o *Heraldo de Madrid* uma curiosa anedocta relativa a proclamação de D. Affonso XII e á maneira como foi nomeado secretario particular do monarcha hespanhol o conde de Morphy, recentemente fallecido.

O conde de Morphy foi a primeira e unica pessoa a quem D. Affonso communicou a noticia de que tinha sido proclamado rei de Hespanha.

O caso passou-se assim:

No dia 30 de dezembro de 1874, ás 7 horas da noite, estava D. Affonso nos seus aposentos, preparando-se para ir ao theatro com sua mãe e suas irmãs. Como de ordinario, acompanhava-o o conde de Morphy.

Um criado entrou com uma carta, em cujo sobrescripto se lia: *Urgente*.

D. Affonso abriu-a e leu o seguinte, escripto a lapis:

Martinez Campos, á frente da brigada Dabau, proclamou vossa alteza rei de Hespanha. Agora todos se acham em Puzol. Guarde vossa alteza absoluto silencio.

— Diga á pessoa que trouxe esta carta que fica entregue.

Quando o criado sahiu, D. Affonso voltou-se para Morphy, e, dando-lhe o papel, disse-lhe:

— Lê.

— Senhor! exclamou o conde cheio de alegria, permitta vossa magestade...

Pouco depois reuniu-se no salão com sua mãe e a infanta D. Isabel e os tres dirigiram-se para o theatro, onde ninguem notou a menor alteração no semblante nem nas acções de D. Affonso.

Ao regressar do theatro esperava-os com grande anciedade D. José Elduayen para lhes dar parte do que se passara em Sagunto.

O que já era rei de Hespanha sorriu-se ao ver a commoção de todos e exclamou:

— Essa noticia é já velha para mim e para este, indicando Morphy. Sabiamol-o ha já algumas horas.

— E que dizes a isso? perguntou a rainha Isabel.

— A' manhã mesmo parto a encontrar-me com Martinez Campos.

Ainda se não sabia em Paris a noticia da adhesão de Jovellar e de Prima de Rivera.

A's 8 horas da manhã do dia seguinte dormia D. Affonso profundamente, quando sua mãe entrou no quarto com um telegramma, que dizia:

A sua magestade a rainha D. Isabel de Bourbon — Os exercitos do Centro, do Norte e as guarnições de Madrid e das provincias proclamaram rei de Hespanha a D. Affonso XII. Madrid e todas as outras povoações hespanholas adherem a essa acclamação com enthusiasmo. Rogamos a vossa magestade se digne communicar o facto a seu augusto filho, cujo paradeiro se ignora n'este momento. De todo o coração felicitamos vossas magestades por este triumpho obtido sem lucta nem derramamento de sangue.

Quando D. Isabel, depois de ter abraçado seu filho, cheia de commoção, sahiu do quarto, o rei mandou chamar o conde de Morphy e, ao vel-o, de pé, immovel, junto da porta, disse-lhe, alegramente, sentando-se no leito:

— Pode entrar o secretario de sua magestade!

Dialogo no cemiterio

— Que vens fazer aqui, anjo formoso?
— Meu Deus, meu bom Senhor! Venho chorar!
— Chorar! Pois Deus te deu tão lindo olhar?
Para enchel-o de pranto desditoso!

Perdeste o teu amor, o teu esposo?
Não pode ser: protesta o teu trajar...
— Perdi, Senhor, o que não hei de achar
Nunca mais neste mundo tenebroso.

— Um filhinho?
— São d'outro amor meus ais!
— Talvez de um pae deplores a partida...
— Mais alto amor, senhor, que o amor dos paes!...

— Mais alto? Não existe nesta vida
— Sim! Existiu... e não existe mais...
A minha santa... a minha Mãe querida!

Niteroy — 1899. A. ALAMOR

Uma vida accidentada

Poucos homens no mundo tiveram uma vida tão accidentada como o italiano Solera; pelo menos é o que diz uma brochura que foi ultimamente publicada em Milão, e que relata a sua vida.

Muito novo ainda, foi condemnado á morte como conspirador e perdoado depois. Lançado na grande estrada da vida, encontra uma companhia de circo que o contrata e para ella compõe pantominas com grande exito; mas tarde encontram-no em Milão, onde elle cultiva a litteratura e musica e publica encantadoras poesias.

Por intermedio do director do *Scala*, Bartholomeu Merelli, trava conhecimento com o maestro Verdi, pouco conhecido ainda nessa epoca. A primeira obra theatral de Verdi, *Oberto*, foi escripta sobre libreto de Solera. Este obteve exito e no fim da estação cabiam ao autor do libreto 600 liras. Nunca Solera se viu com tanto dinheiro junto; mas como elle era de taça dos cyanos, o dinheiro incommodava-lhe as algibeiras. Correu logo em procura de dois amigos, aos quaes gritou:

— Rapazes, venham commigo! Sou eu quem os convida. Tenho 600 liras para gastal-as num dia. Sim, quero viver, ainda que seja um dia, como esses mylords que tem de rendimento 1000 liras para as gastar em vinte e quatro horas.

O trio foi a Marsa, em festa; ainda o sol não tinha desapparecido no horizonte e já Solera não tinha cinco reis na algibeira. Mas não se ralou com isso.

Mais tarde, sobre libretos de Solera, Verdi soffreu alguns desastres lyricos, apoderando-se d'elle um profundo desalento, a ponto de declarar que renunciava ao theatro e não queria mais ser professor de piano. O director do Scala resolveu fazer uma ultima tentativa para dissuadir Verdi, e levar-lhe um libreto de Solera. E era sobre Nabucodonozor.

Verdi pediu a Solera que retocasse o libreto, e a opera obteve seis mezes depois um triumpho.

O theatro de Pavia era, nessa epoca, um dos melhores thetros italianos. Cantava então ali um baixo chamado Marini, cuja voz deliciava os espectadores. Solera estava por um acaso em Pavia e á noite devia cantar-se a opera *Marino Faliero* em beneficio da *primadona*, desempenhando o baixo a parte de protegonista. Annuncia-se; porem, a ultima hora, a doença de Marini. Solera offerece-se immediatamente para o substituir. O offerecimento é acceito e Solera obtem uma ovação. Findo o espectaculo organiza-se uma lauta ceia em sua honra.

No dia 15 de Fevereiro de 18[illegible], representava-se em Milão uma nova opera devida á collaboração de Verdi e Solera, *Joanna d'Arc*. O exito foi mediocre e os autores cortaram desde então as relações.

Em 18[illegible], Solera entrou no serviço da segurança publica nas provincias meridionaes. Estava especialmente encarregado da repressão dos salteadores. O seu principal triumpho neste serviço foi a victoria alcançada sobre Serravelle. Este temivel capitão de salteadores tinha raptado uma menina de maravilhosa belleza e exigia por ella um resgate fabuloso.

Um acaso poz Solera nas pegadas d'uma conspiração contra a rainha e denunciou-a immediatamente. Estes juraram vingar-se, tendo sido alvo de incessantes tentativas de assassinio; por isso julgou prudente voltar para a Italia. Apenas entrou em Milão, não tardou em encontrar a sua velha companheira—a miseria. Todo o dinheiro que arranjara em Madrid derretera-se como a neve ao sol.

Já lhe não restava senão um casaco de velludo com botões de diamante, presente da rainha D. Isabel. Solera começou por vender um botão, depois outro e assim successivamente todos, substituindo-os por outros... de vidro.

Solera foi encarregado de descobrir Serravelle e de arrancar lhe a presa. Para isto disfarçou-se e mais os seus gendarmes em salteadores e percorreu o paiz onde ope a vam os bandidos. O acaso fez que encontrasse o capitão do bando no momento em que sahia d'uma gruta, precisamente aquella em que escava recolhida a formosa captiva. Serravelle, julgando que se tratava de officiaes do mesmo officio, deixou approximar Solera. Mas este, depois d'uma curta conversa, apoderou-se da prisioneira. Comprehendendo então que havia sido burlado, Serravelle atira-se a Solera. Os gendarmes d'este ultimo tinham recebido ordem de seu chefe de não intervirem. Trava-se lucta entre os dois capitães. Solera, que era um verdadeiro hercules derriba o seu adversario e mata-o d'uma punhalada. Os seus subordinados cortaram-lhe a cabeça, espetaram na n'um pau, e precipitaram se no campo de Serravelle. Privados do seu chefe, os bandidos deixaram-se prender quasi sem resistencia, sendo pouco tempo depois passados pelas armas. Quanto á formosa prisioneira foi restituida intacta e gratis á familia.

Solera deixou Milão. Ninguem sabia onde estava, quando, um dia, um dos seus antigos companheiros de bohemia viu nas ruas de Livorno um aguadeiro espadaudo e alto, com monoculo no olho esquerdo.

— Se não me engano, é Solera! exclamou o milanez.

— Sim, sou eu; que tem isso de novo?

— Que brincadeira é essa? pergunta-lhe o outro.

— Bricadeira? !... grita Solera indignado. O que faço é a cousa mais seria que tenho feito desde que vim ao mundo. Faço economias de materia cerebral e vivo dos hombros.

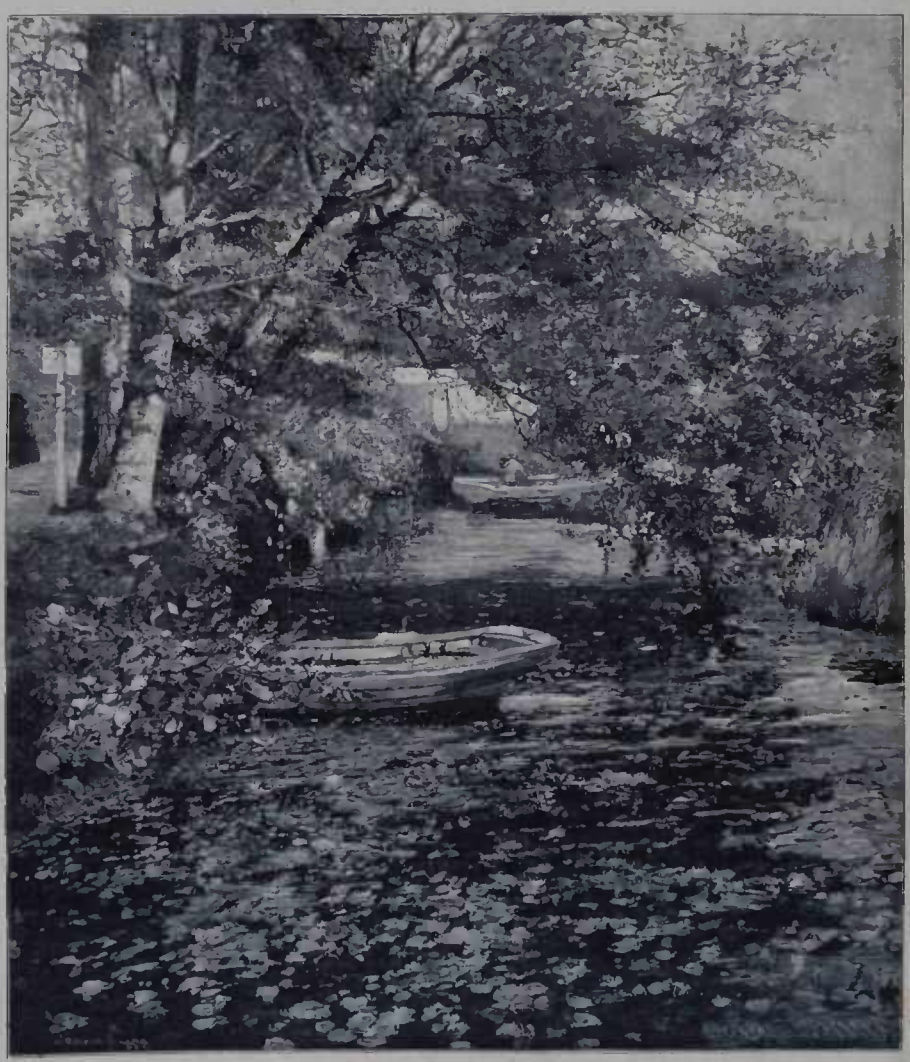
Um anno depois, avaliando que as economias da materia cerebral eram sufficintes, casou com a cantora Thereza Rosmini, e foi para Madrid dirigir a orchestra do Theatro Real.

Os mezes que se seguiram foram os mais felizes da sua vida. Cheio de attenções, de dinheiro e de honras, o director da orchestra tornou-se uma das mais poderosas personagens de Madrid. A uma palavra de Solera, a rainha nomeava ou demittia funccionarios. Uma carta do librettista milanez valia uma nomeação de general ou de arcebispo.

Mais tarde encontramos o policia Solera em Bolonha, Veneza e Alexandria, onde organizou a policia da Khediva. O governo egypcio, encantado com Solera, poz-lhe propostas vantajosissimas para o conservar. Mas Solera tinha a nostalgia de Milão e para lá se dirigiu, fazendo-se negociante de quadros, um ferro velho, emfim. Realizou compras e vendas; por vinte vezes se julgou rico, mas no fim de dois annos de negocio tinha perdido até os ultimos cinco reis.

Desanimado, arruinado, velho, Solera arrastou em Milão uma vida cheia de privações e de miseria, a ponto de desaparecer a sua proverbial alegria. Solera lamentava se então da sua existencia de bohemio e do seu emprego que fizera da sua intelligencia, e chamava pela morte a altos gritos.

Esta veiu finalmente em seu appelo, em 187[illegible], na manhã da paschoa da resurreição.



UM CANTO [illegible] SOCEGADO

CHRONIQUETA

7 de Dezembro de 1899.

Parece que acaba o anno e termina o seculo sem se fazer a restauração monarchica, porque tanto se bate, na secção paga do *Jornal do Commercio*, o meffavel commendadador Malvino, ex-senador republicano.

Parece-me que a esse respeito podemos dormir tranquillos; se fosse possivel a restauração, já estaria feita, tantas e taes ensanchas têm dado os nossos governos aos sebastianistas.

Nas altas regiões não ha quem se preoccupe seriamente com dar os contras á propaganda monarchista; o Sr. Campos Salles sorri quando lhe falam nisso. Encolhe os hombros, põe o chapéo na cabeça e vae visitar as fabricas, para animar com a sua presença a Industria Nacional. Realmente, esse é o melhor meio de responder aos propagandistas do throno.

✲

Tivemos esta quinzena dous ministros doentes ao mesmo tempo, o que pode ser tomado como uma prova de solidariedade governamental.

✲

Tivemos tambem um grande incendio no predio occupado pelo café do Rio e Restaurant Brito, onde esteve outr'ora o famoso *Hotel des Frères Provençaux*, que excitou a veia dos nossos chronistas, e valeu a Julião Machado um magnifico desenho na *Gazeta de Noticias*.

Effectivamente é aquella casa uma das mais curiosas da rua do Ouvidor, tão cheia de aneedotas e de recordações.

✲

O distincto pintor brazileiro Madruga Filho expõe os seus trabalhos na casa n. 78 daquella rua, e essa exposição tem causado verdadeiro successo.

✲

Outro successo, mas esté litterario, é a edição definitiva das poesias de Alberto de Oliveira, publicada pelo editor Garnier.

Não preciso dizer ás leitoras da *Estação* o que vale, como poeta, o autor das *Canções e manhãas* e das *Meridionaes*.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

7 de Dezembro de 1899.

Continuam, no Variedades, as *reprises* das peças do repertorio da companhia Dias Braga. Entre outras, tivemos a da *Mulher de Claudio*, de Dumas Filho, com a actriz Adelaide Continho no papel da protagonista. Essa actriz é uma das raras com que ainda conta o nosso theatro.

A companhia ensaia um dramalhão francez, a *Bezigosa*, extrahido de um drama de Alexis Bouvier, que agradou muito quando publicado em folhetins pela *Gazeta de Noticias*.

No Recreio tivemos, pela companhia Moreira Sampaio, a opereta fantastica em 3 actos, os *Ministros do inferno*, arranjada do allemão por Acacio Antunes e Luiz de Castro, musica de Suppé.

O libretto não é precisamente um modelo de habilidade e da graça, mas a partitura é muito bonita, e os artistas, os côros e a orchestra deram boa conta do recado.

⊙

A companhia Souza Bastos fez uma interessante *reprise* da *Gran-duqueza de Gerolstein*, e despediu-se do publico, representando mais uma vez a *Perichole*, que foi, durante a estação, a peça de mais resistencia.

O publico fez uma calorosa ovação a todos os artistas, com especialidade a Palmyra Bastos.

⊙

O S. Pedro está outra vez occupado por uma companhia de cavallinhos.

Desta vez é uma companhia nacional dirigida pelo excellente artista Anchises Pery e por todos os respectos superior a quantas têm sido aqui trazidas pelo Frank Brown.

X. Y. Z.

NOVIDADES MUSICAES

Recebemos e agradecemos as seguintes novidades musicaes

Vieira Machado & C.

Berceuse — Poesia de A. Duarte e musica de A. Gouvêa.

E. Bevilacqua & C.

Quebradinha — polka de E. Nazareth.

Corbeille de Fleurs — gavotte d'espression por E. Nazareth.

La Vie em Rose — valsa de Paul Wachs.

Illusões — valsa de G. C. D. V.

Fertin de Vasconcellos, Morand & C.

Julinha — valsa de João D. L. Reis.

Manoel Antonio Guimarães.

Georgina — polka por A. Canongia.

Viva my Tierra — valsa hespanhola por Nicolino Milano.

Folhas de Torero — valsa por Fausto Zosne.

La Iracema — polka por Gustavo Campos.

Lisboeta — valsa por Julio Reis.

El Processo del Pulque — valsa por Gustavo Campos.

La Mariposa — schottisch por Gustavo Campos.

El Processo del Pulque — can-can, Gustavo Campos.

Pelos Sertões — mazurka por Mandy Calé.

Los Camarones — mazurka, Valverde (Hijo) por T. Tarregrasa.

Maxixeiro — tango por Luiz Martins Corrêa.

Dudú não quer — polka por Elvira da Silva Napoleão.

Quem quizer sortir-se de louças, porcellanas, crystaes, vidros, ferragens, lampiões, objectos de phantasia, em summa de tudo quando é indispensavel «á copa» de uma casa de familia, deve dirigir-se de preferencia á casa «La Faience», do Sr. Theotonio de Oliveira, á rua Marechal Floriano Peixoto n. 129, (antiga larga de S. Joaquim).

Freguez que ali vá, não sae sem fazenda, tal é a amabilidade do proprietario, a superioridade da fazenda e a modicidade dos preços.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'es as são demonstradas pela perfeição do trabalho justa adapção e grande admiração de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. L. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 — 1 andar.

AO BACCARAT

Louças, Porcellanas, Crystaes, Christofle e objectos de fantasia.

PREÇOS DE PRIMEIRA MÃO

POR ATACADO E A VAREJO

38, RUA GONÇALVES DIAS, 38

Julio Betencourt da Silveira & C.

Aviso ás nossas assignantes

A's nossas gentilissimas assignantes cujas assignaturas terminam no proximo dia 31 de Dezembro, rogamos-lhes a fineza de mandal-as reformar sem demora, *si é que já o não tenham feito*, para não haver interrupção na remessa dos numeros que vão sahindo.

M.me Gazzaniga & M.lle Bier

COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

SOBRADO

Encarrega-se de Lutos,

Enxovaes para Casamento

e todo e qualquer trabalho

concernente á sua arte

RIO DE JANEIRO

MANUAES DA ESTAÇÃO

I

Preparo do vestuario para Senhoras

TRATADO COMPLETO

explicando minuciosamente o trabalho desde a tomada das medidas, preparo dos moldes, córte, costura, até o enfeite e acabamento do vestido e mantos para senhoras

ILLUSTRADO COM 400 GRAVURAS

1 magnifico vol. de 200 pags.

PREÇO

Brochado.... 7$000 | Encadernado. 8$500

Pelo correio mais 500 rs.

A' venda na livraria A. Lavignasse F.º & C., CASA LOMBAERTS nas agencias da «Estação».

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-XAROPE — NEUROSINE GRANULADA

NEUROSINE-CAPSULAS

Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas.

Deposito Geral:

CHASSAING & Cº. Paris, 6, Avenue Victoria.

Impressões d'Africa

ENTRE GOUVEIA E SENA

A 13 de novembro alcançamos Inchenche, com tres horas e meia de viagem, pelas 8 e 30 da manhã.

Atravessado por sete grandes rios em geral seccos, o caminho percorrido n'este dia, praticado por sobre uma continua successão de outeiros e pequenos valles, vae-se pouco a pouco tornando cada vez menos frequentemente accidentado: e, costeando montes ou planicies arvorisadas e apraziveis, de empedrado passa a arenoso para se tornar por fim completamente humoso nas proximidades de Inchenche.

Foi n'esta povoação, a maior e mais importante d'estes sitios, que pela primeira vez em toda a viagem tomos sobre altados, ainda que muito de leve, pelo ataque d'uma fera.

Desde o primeiro dia depois de Neves Ferreira, nunca mais tinhamos visto caça. Não que as variadas regiões percorridas sejam pobres de alimarias selvagens. Ao contrario. Por toda a parte ha leões, hyenas, bufalos, vaccas do matto, antilopes, zebras, cabritos e varias outras peças de caça. Mas a longa fila de carregadores e o barulho que estes faziam pelo matto, affugentava-as. Além d'isso, os sitios onde mais habitual e frequentemente se encontram grandes manadas, é exatamente aquelles onde a falta d'agua as faz reunir nos poucos pontos onde esta pode ser encontrada, e por isso igualmente procurada, tanto pelas feras como pelos homens. Ora as regiões por nos atravessa as tinham sido mais do que abastecidas de rios e ribeiras.

De resto, as feras raramente atacam as povoações ou acampamentos. Basta uma pequena fogueira para as afugentar. Fazem-se sentir frequentemente por seus bramidos e urros, alta noite, mas não se approximam. A propria hyena, cujo miar ventriloquio mais vulgarmente se ouve, ainda que excessivamente traiçoeira, é sobremaneira medrosa. Alarma durante uma noite inteira um acampamento, rondando o, volteia mesmo em torno das barracas, mas o menor ruido a emmudece e afugenta.

O leão raras vezes ataca. A não ser que o attraiam bois ou cavallos de que elle parece ser excepcionalmente guloso, o rei das selvas é menos temerario do que se suppõe geralmente. O aspecto da figura humana como que o abysma. Tanto que os pretos mais experimentados em viagens pelo matto, chegam a suppor que os leões, em cujos corpos vêem realisada a metempsycose de seus defuntos regulos, paes ou avos, lhes são reconhecidos e por absoluto inoffensivos. Chegam a oppor-se a que lhes atire, o que de resto não tem grandes inconvenientes, porque o leão, quando farto, submette-se, fugindo, ás primeiras aggressões como o mais humilde dos rafeiros, e quando esfomeado não dá tempo ao menor ataque.

Tal é a consideração que os pretos tributam aos leões, que acceitam como presentes carinhosos os restos das suas prezas não abocanhados ainda pelas hyenas; e se encontram algum, em seu caminho, passam submissamente por elle, raspando os pés e batendo as palmas, exactamente como se cumprimentassem um grande senhor. E a nobre e imponente alimaria, vendo-os passar assim inermes e inoffensivos, fita n'elles os seus grandes olhos piscantes, de myope, e deixa-os ir em paz.

Só quando a velhice o priva das suas longas caçadas pelo sertão, é que o leão espontaneamente accommette o homem ou ataca povoações, não com os impetos desvastadores que se lhes suppõe, mas contentando-se com a primeira preza que encontra.

Ora foi exactamente o que se deu em Inchenche.

Um velho leão, incapaz já das grandes correrias venatorias do largo matto, viera em busca de preza ao povoado e contentara-se com um cão. Mas os indigenas que mais de perto presentiram a caçada e ouviram o urro de victoria do caçador, amedrontados, dando gritos de alarme, desembestaram n'uma fuga louca, atropellando as espias da barraca em que muito descançado pernoitava o sr. Coelho, tenente de artilharia. A barraca desabou por completo. E quando o sobresaltado official se alliviava do peso que de improviso o ajoujára, e pacientemente recedificava a sua tenda que tinha feito armar um pouco distante das barracas dos soldados, na área do acampamento d'estes, onde a queda da barraca se não fez sentir, não houve um unico que resistisse á tentação de vir vêr o que se passava. Todos se levantaram e sairam aos primeiros gritos.

A curiosidade só os excitava e todo o acampamento se encheu de praças completamente desarmadas, que nada mais poderam vêr, á luz clara, do luar, do que alguns cypaes postados d'armas aperradas, quichotescamente, aos lados da barraca em que ficavam os srs. Lima e capitão Machado. Do leão, nada mais se viu, ouviu ou soube.

O que em breve se ouvin e distinctamente porque ninguem havia ainda reconciliado o somno, foi a corneta de infanteria tocando a alvorada e logo em seguida a unir para inicio d'uma nova marcha que começou pelas tres horas e um quarto da manhã.

Começada muito antes do nascer do sol, pelo luar, e terminada antes que o calor se começasse a tornar incommodo, por um caminho sempre a N., muito menos accidentado que o dos dias anteriores, mais ensombrado de pequenos bosques e curtas floreias, e só cortado por dois rios quasi seccos e consequentemente de passagem facil—o Ehangónde e Nhmefuza—a marcha d'este dia foi de toda a viagem a que mais penosamente supportaram os soldados.

A chegada a Chinoi, pelas oito e meia da manhã, as praças completamente extentuadas esquecidas de todas as conveniencias hygienicas e disciplinares, lançavam-se por terra ao acaso, tanto sob as arvores como ao sol, n'um desalinho desconsolador de quem, completamente vencido pela fadiga, deixa tombar o corpo como se fôra um pesado e apoujado fardo.

Com dois mal aproveitados dias de descanço, um á passagem do Armangua, outro em Conveia, dezeseis dias havia já de uma reiterada marcha, mal secundada por uma boa e substancial alimentação e aggravada por altas madrugadas, invias derrotas, e mal dormidas noites, os depauperava, dia a dia, cada vez mais n'uma sommação progressiva de cansaços e extenuamentos.

Estavam gastas as ultimas resistencias, e um dia de descanço impunha-se a despeito de todos os receios da falta proxima de viveres, entre as quaes a do vinho e da bolacha se começava a fazer sentir salientemente.

Descançamos o dia 15 em Chinoi. E emquanto as praças se restauravam das longas fadigas d'aquelles dezeseis dias de marchas quasi interruptas, diligenciavam, ainda que com pouco proveito, os carregadores na acquisição de mantimentos, para seu consumo.

Mas, pelo meio da tarde, vieram homens de Pepo povoação que fica a duas horas de caminho ao norte de Chinoi, annunciar-nos que por ordem recebida do regulo de Inchenche nos tinham preparado farinha para os nossos carregadores. Comprehende-se o enthusiasmo com que esta noticia teria sido acolhida, e consequentemente a facilidade e promptidão com que se organisou um pequeno destacamento de cypaes e carregadores para ir buscar esses mantimentos.

Estava-se na lauta d'esta diligencia quando a nossa attenção foi attrahida ines, eradamente pela melopeia plagente e offegante com que os machileiros costumam annunciar a chegada de algum branco, que conduzem, a qualquer acampamento.

De prompto uma machila e um pequeno grupo de carregadores estacou ao nosso lado. Eis um tenente-coronel do exercito d'Africa que segue de Moçambique para Manica. Tendo acampado n'aquella manhã em Pepo, ao saber que em Chinoi estava o troço do corpo expedicionario vindo de Massiquece, o triste official não póde resistir á tentação de mudar de acampamento, ancioso por ter com quem conversar, com quem podesse desabafar as magoas que o pungiam pelo desgosto com que era violentado a realisar a commissão «de castigo», dizia, que lhe tinha sido imposta.

Feitos os primeiros cumprimentos, uma longa jeremiada, verberadora d'altas e flagrantes injustiças, se emborcava apaixonadamente sobre nós, que, mais tocados pelo desejo de saber com que poderiamos contar no resto da nossa marcha, do que pelas dores que preoccupavam o desolado coronel, íamos sobrepticiamente distraindo, por entre rapidas phrases de consolação, com perguntas sobre os alimentos que poderiamos encontrar em Sena, e os meios com que poderiamos seguir para Quelimane. Como que por vindicta pela nossa crueldade, as noticias que iamos obtendo não eram de todo muito animadoras. Em Sena, como entre nós, não havia nem farinha de trigo, nem bolacha, nem vinho; embarcações para seguirmos para Quelimane, difficilmente as conseguiriamos; demais, o Quaqua não tinha agua, seria preciso ainda fazer marchas por terra depois de Sena, e por tudo isso, só d'ali a vinte dias poderiamos estar no litoral.

Entretanto ia-se servindo o jantar, e chegavam os carregadores que tinham ido a Pepo Freita a repartição dos generos obtidos, o acampamento animou-se de enumeras fogueiras cercadas de pretos que, tagarelantes e felizes, velavam pela confecção do seu desejado repasto.

Anoitecia. Os pretos da povoação, melhor relacionados comnosco, animados pela nossa presença e pelo ar de felicidade que viam entre os nossos, começaram a fazer o seu batuque entre um rythmico bater de palmas, n'um concertante harmonioso de vozes bem timbradas de alguns negrinhas graciosas que se requebravam, com os seus pares, em marcas semelhantes ás da escoceza, em meneios graves, dengosos e podibundos. E os soldados formavam circulo em torno dos que dançavam, applaudindo-os e rindo, por completo esquecidos das fadigas supportadas e das que tinham para supportar ainda.

Ao batuque da gente de Chinoi, seguiu-se o dos nossos carregadores. Mas agora já não eram as danças requebradas das mulheres e a toada plangentes dos batuques de par. Companheiros de *gente do rei*, de soldados e com o estomago repleto de papas de farinha, os nossos homens, mais heroicos e aguerridos, só sabiam exhibir danças e canções guerreiras, não em circulo, mas em columna aberta: paus em riste em guiza de azagaias, o braço esquerdo sobre a fronte como a erguer o escudo, parodiando mais ou menos infielmente os ademanes e *poses* dos landins os mais respeitados cafres de toda a costa oriental.

Por entre a harmonia estranha, wagnerlana do coro um dos cypaes ou *inhacanda* vinha a frente, saltava, pulava, rojava-se no chão, erguia-se de impeto, vibrando a azagaia como em lucta ou combate singular com uma féra ou um inimigo, acompanhando cada gesto com uma phrase mais ou menos curta e expressiva que o coro secundava, ora n'um brado glorioso de enthusiasmo, ora como n'um gemido de anciedade receiosa, ora como n'uma expansão victoriosa d'applauso. E ao primeiro guerreiro ou caçador seguia-se um outro, e assim successivamente, exhibindo cada um, com a harmonia, canto e esgares differentes, a maior e melhor façanha da sua vida, o facto mais notavel da historia guerreira da sua terra.

Depois vinham os córos glorificadores, de cumprimento aos assistentes. Ao som do vozear do córo, tres ou quatro homens destacavam-se da columna, bambaleavam se por algum tempo em requebros e meneios grotescos, em marchas e contra-marchas compassadas, terminando por um grande salto no qual vinham alcançar o *branco* a quem queriam fazer os seus cumprimentos. Chegados a este, afagavam-no, poudo-lhe levemente a mão na barba, na cabeça ou no hombro, e saltavam de novo para os seus logares para serem substituidos por outros que exhibiam identicas facecias apos danças e esgares similhantes.

Por fim, vieram as farças e scenas comicas. Alguns pretos punham os pannos á moda das mulheres, enchumaçavam os seios e as ancas, outros estendiam-nos em mantos roçagantes, cada um emfim modificava a sua *toilette* segundo as exigencias do papel que tinha a representar, e a pantomina principiava, sempre acompanhada de córos e danças, n'uma confusão inextricavel de garatujas e dialogos, por entre os quaes, todavia, por vezes se reconheciam transparentes allusões ou parodias a alguns personagens conhecidos da nossa propria expedição...

Mas a noite ia alta já, e noticia de que no dia seguinte deviamos partir ainda com luar, póz cobro ao curioso espectaculo que os carregadores de bom prolongariam até de manhã, com a assistencia não menos prazenteira dos soldados.

No dia seguinte (16) pelas tres horas da madrugada, já todos estavam a postos para marchar. Mas de repente o luar começou a escurecer, e de prompto a luz se occultou, substituindo a luz do seu clarão por uma quasi completa obscuridade. Era um eclipse que nos vinha surprehender, inesperadamente, graças ao longo livorcio,—alias inconveniente, vê-se,—em que ha muito estavamos com todos os Bordas d'agua d'este mundo.

Não sabemos a impressão que tal phenomeno faria nos pretos de Chinoi, pela coincidencia entre o seu apparecimento e a nossa partida. Nos nossos carregadores e em nós, a unica impressão que nos deu foi a da perda de alguns minutos de bom somno da madrugada.

A. Rodrigues Braga.

(Explorador Portuguez).

A' Maria

Longe do olhar, do coração distante,
dizem todos. E' falso, eu não o creio.
Nem é possivel mesmo que o cantante
amor, que se aninhou no nosso seio,

morra, assim como vae se um devaneio,
quando apenas nasceu... O amor vibrante,
de ancias promessas e esperanças cheio,
que enflóra a nossa vida a todo o instante

de canções virginaes, não morre nunca!
Mesmo que a magua, com sua garra adunca,
venha ferir o nosso peito ardente!

Não deves, pois, temer tanto o futuro.
Pelos caminhos o teu riso puro
pódes ir desfolhando alegremente!

Porto Alegre—99.

Ribeiro Tacques.

Malaventurados os ricos...

A proposito da morte do muitas vezes millionario, senão billionario, Cornelio Vanderbilt, um escriptor francez, Ernesto Blum, escreveu o seguinte:

O que me consola é que os ditosos seres que possuem fortunas colossaes não armazenam tanta felicidade quanta se cuida. Oh! por certo que teem algumas, mesmo, talvez, muitas, mas não as teem todas. Primeiro que tudo, e sobretudo, são elles importunados, entediados, massacrados por a inexgotavel cohorte dos pedintes e intrujões que constantemente os vizam, obstinadamente os solicitam, e que, não raro, os exploram.

Tenho o prazer de tratar não um billionario, mas um financeiro que possue uma, a despeito de tudo, invejavel serie de milhões. E' um homem encantador, não obstante a sua immensa fortuna, e que tem a desgraça de ter o coração nas mãos. Dá muito finos jantares, de que tenho a honra de ser convive, e, vejam como um homem rico nos impelle á tentação, veiu-me sempre o desejo, ao retirar-me, de levar comigo os talheres.

Contava-me este millionario que, se lhe desse na telha dar o que lhe pedem num só dia, á noite estaria arruinado, litteralmente. A primeira exploração de que, como todos os seus collegas em haveres, é victima, é a exploração pelo suicidio.

— A primeira vez, dizia-me elle, que me entrou um individuo no gabinete e me declarou que, se eu lhe não emprestasse 10:000 francos, se suicidaria na minha presença, e, para provar que faria o dito verdadeiro, tirou um revolver do bolso, tive medo de ser a causa da morte de um homem por uma questão de dinheiro, e dei-lhe os 10:000 francos.

A' segunda vez, abri ainda o cofre.

A' terceira, regateei: e, em logar de 5 ou 10:000 francos que me pedia, arranjei o negocio por 2 ou 3 mil francos.

A' quarta, pedi que me désse tempo para reflectir.

Só numa semana me fizeram umas quarenta ameaças de suicidio. Tomei então uma resolução suprema: comprei um revolver, palavra de honra, e puho na gaveta da minha secretaria. Sempre que me procurava um intrujão, ameaçando-me de mandar os miolos ao diabo na minha presença, se não lhe emprestasse tal ou tal quantia, eu abria a gaveta, tirava o revolver e apresentava-o ao meu interlocutor, dizendo-lhe:

— A seu gosto, convido-o até a servir-se antes do meu revolver que do seu. Assegurando-lhe que é excellente. Rogo-lhe, porém, que não faça saltar os miolos muito ao pé das cortinas, porque as mancharia.

E não me occupava mais d'elle. Geralmente, o explorador retirava-se humilhado, vexado, mas sem nunca ter feito saltar nada — a não ser as portas!

Todavia, houve um que, depois da minha cantada do costume e de lhe haver mostrado o revolver, m'o pediu, o que me causou calafrios. O homem pegou na arma, mirou-a e remirou-a, e, apontando a para si mas sem a aperrar, perguntou:

— Está certo de que o revolver é bom?

— E' magnifico, garantiu-m'o o vendedor, tendo-me até custado, por isso, muito bom dinheiro.

— Quanto?

— Não me recordo, agora, ao certo, mas trez ou quatro luizes.

O homem aperra-o, precipito-me para elle, afim de o desarmar, quando, friamente, elle me replica:

— E é verdade que é excellente.

E, passando o tranquillamente á algibeira, accrescentou:

— Levo-o comigo, para o vender; sempre são trez ou quatro luizes que apanho.

A sós

Ninguem nos ouve. Estamos sós na sala.
Tudo conversa e grita na varanda;
Que reboliço insuportavel, vanda,
que gargalhadas! Tudo ri-se e fala

lá para dentro, aquillo como anda
numa alegria festival de gala.
Presta a attenção e ouve como estala
nervosamente o riso da Fernanda.

Quantos vivas, meu Deus, quanta algazarra
fazem após a saudação bizarra
que fez teu mano, em ferveroso brinde,

sem se lembrar que nós estemos juntos
aqui, falando em triviaes assumptos
até que a festa na varanda finde.

Porto Alegre—99.

ERNESTINO MAZZA.

Humanidade

A guerra do Transvaal, neste agonizar de seculo, movida por desastrosas especulações d'interesses de capitalistas, atirando milhares de vidas e de forças validas ás trevas d'uma morte certa, caleando a pés juntos toda a energia instinctiva dos que precisam caminhar para bem da terra, dá-me neste momento em que veem chegando noticias de scenas horrorosas, um profundo desgosto de ter vindo á luz deste mundo numa era tão distante ainda da pacificadora união dos homens. Passam os annos, melhoram os tempos, rasgam-se a golpes de enxadas luzidas campos virgens de cultura, sulcam-se de caminhos de ferro as terras avidas de gente e de vida, suspendem-se pelo ar milhões de linhas telegraphicas, cruzam-se no mar navios de todos os povos e isso não basta ainda para estreitar num mesmo abraço, num mesmo ideal d'amor e de bem, toda a ancia colossal da marcha vital das creaturas. Vem a ambição espantosa e desregrada de bem poucos, mas dos que mandam, amordaçar a bocca escancarada que pede justiça e humanidade. E num momento reduzem-se a zero todos os potenciaes de riqueza e de paz acumulados nas victimas robustas dos sacrificados a essa monstruosa ambição. Se ha uma religião a refrear e a conduzir instinctos dos que soffrem com a mira posta numa bemaventurança paradisiaca, essa mesma religião que recebe um culto postiço e espectaculoso é attirada ao esquecimento quando se trata d'alguma coisa que ella condemna de principio a fim. Antes de tudo, acima de tudo, o bem d'uns certos, embora o resto da humanidade se torça e revolva em crises angustiosas de miseria. Pede se outro Christo como se o verdadeiro, o generoso, não bastass? para doirar a desgraça do mundo. Para que, outroe O Calvario continuaria da mesma maneira! Emquanto o cerebro dos homens não for uma coisa equilibrada, emquanto a intelligencia, a actividade e o sentimento não formarem synergicamente uma força unica para procurar e conseguir o bem, poderão surgir todas as perfeições d'um Christo que hão de ser arredadas bestialmente do caminho pela primeira vaidade que se levantar. Estamos n'um seculo de despotismo e de brutalidade egoista e cynica em que a materia corrente e de precedentes estrangular o fraco e o miseravel quando o sangue já nem dá o trabalho supplementar que lhe pedem. Por outro lado impera a covardia d'animo dos que podem medir-se em forças, para que não lhes cortem as azas quando baixarem o vôo, de bico afiado e os olhos cubiçosos d'abutre, sobre a victima abandonada e moribunda.

E é curioso de ir por esse mundo á cata de attitudes energicas em prol da justiça e encontrar d'olho na Allemanha e esta entretida com a França e a Russia, em boatos de alliança, mas ficando sempre como estatua na eterna comedia do equilibrio, receiosas da faisca para a conflagração européa suspeitando intenções dubias da America, assistindo, afinal, impavidas e armadas até aos dentes, ao estrebuchar de milhões de vidas com a mesma compaixão *encantadora* da guerra de Hespanha. E ao passo que se falla desta alliança grotesca e de Londres transmittem a nova, já prevista, de que os boers são commandados por officiaes allemães na Allemanha continuam as aggressões mal disfarçadas á França e as relações cordiaes com a Inglaterra, sopradas aos ventos pela imprensa official.

No meio de toda esta embrulhada, os artistas de ambos os povos mostram se bons e amigos, na interessante coincidencia dos dois successos theatraes, um em Paris, outro em Berlim, na mesma noite, com obras de Wagner e de Sardou. O *Tristão e Iseult* do maestro allemão é freneticamente applaudi lo em Paris e a *Madame Sans-Gêne*, em Berlim tem um triumpho, representada pela Rejane, diante do imperador. O odio dos povos e de raças é sempre mais ou menos movido pelas redeas dos dirigentes e não está no intimo da gente. Uma espinha, um capricho, uma arranhadura diplomatica entrechocam milhares de creaturas que nem sabem, ás vezes, ao que vão. E toda força da terra, todo o bem estar da humanidade, toda obra de germinação e de creação de tanta vida é sacrificada, desfeita, apodrecida num instante. E é olhar para traz, ver o trabalho enorme da gestação das creaturas, dos paes a filhos, constantemente, religiosamente, na mysteriosa transmissão de energia adquirida, de riqueza dividida, na secreta regularidade da natureza na expansão da vida creadora, multiplicando braços para semearem a terra e reproduzindo corações para os encher d'amor, é olhar para traz e sentir o pasmo de toda essa incansavel, de toda essa formidavel obra de fecundidade, para nos enchermos bem da monstruosidade do crime que ha em annihilal-a de repente, á voz estupida e monotona d'um canhão brutal.

Porque? porque? Pois não podiam viver os homens naquelle ideal de paz e de justiça, que tantos sonharam e vieram a ensinar? não haveria debaixo d'este céo e deste sol outra felicidade que não viesse da cubiça, outro contentamento que não sahisse da perversidade?

Querem na ter? Ahi a vossos pés, na terra fecundante e virgem que estende o ventre tumido aos beijos do vosso braço semeador! ahi nessas terras longinquas e despovoadas que vos reservam riquezas, que vos escondem segredos! Levae a vida, transportae para lá á força que a terra vos deu, com essa força despertae o lindo somno em que ella está e ajuntae á roda a vossa familia, que ha de crescer, que ha de trabalhar... Hão de comer do que a terra lhes der e beber do que da terra brotar, — e ali, vivereis em paz, sendo bons para que o sejam comvosco, sendo generosos para viverdes contente.. E a vossa terra ligará com a de vosso irmão alem, e com a de vosso filho mais para alem... E depois, será um paiz inteiro, nascido de uma só vida, d'uma só força, com uma só familia!... E esse paiz ha de alargar, ha de crescer, ha de fecundar e será o mundo todo, o mundo inteiro, num só trabalho, num só minor, numa só humanidade!

E para que? para que, todo esse sonho?

Olhem o Transvaal, a começar assim a crescer, a trabalhar, numa mesma insistencia, num mesmo fim... E o que vem a cubiça d'aquella terra abençoada que tem ouro, que tem diamantes, que tem la dentro a ambição do mundo! E o sonho fica em meio, quebrado sem um grito, esmigalhado num instante, pela razão suprema de um fim de seculo onde não houve igualdade, nem justiça.

Pobre Transvaal! Pobre humanidade!

MANOEL PENTEADO.

Collegio Salesiano

Para distribuição de premios aos alumnos, realizou no domingo 10 do corrente, o Collegio Salesiano «Santa Rosa», de Niterheroy, uma brilhante festa, á qual compareceram representantes de muitas corporações officiaes e particulares, representantes da imprensa e muitas familias respeitaveis.

Presidio a festa o Inspector Geral da Ordem reverendo padre Carlos Peretto, e após a distribuição dos premios foi lido um eloquente manifesto de gratidão pelo dr. Monteiro da Luz em nome das familias dos alumnos.

Foi bem executado e bastante applaudido um programma lyrico-litterario — e ás 9 horas foi servido um lauto jantar, ao fim do qual foram feitos diversos brindes pelos dr. March, padre Peretto, padre Julio Maria e dr. Belisario Augusto.

Na Floresta

— Vamos, antes que o sol faisque e abrase,
e a poeira inunde a beira dos caminhos.
Partimos. Ella a me falar dos ninhos,
eu a lhe ouvir a musica da phrase,

Tantas estradas na floresta! Quasi
perdemo-nos. E agora? Os passarinhos
passam chilrando aos ares. Nós, sosinhos,
a enaltecer o casto amor — sem base!

Pela floresta seductora, viamos
flôres aos pares, aves em descantes...
E já nenhuma discussão feriamos!

Voltamos tarde, alegres e offegantes.
E, na volta, duvido se teriamos
ambos a mesma idéa de h ras antes...

Porto Alegre—99.

DOMINGOS NASCIMENTO.

Mosaico

Pandorgas Sobrinho chegado das ilhas, entra n'um bazar de modas, onde vê um lindo chapéu que parece-lhe ir ás mil maravilhas na tresloncada cabecinha de dona Suspiros, sua esposa.

— Quanto custa este chapéu?

O caxeiro deu lhe o preço: 90$.

Pandorgas Sobrinho tocou em todas as fitas, nas flores e nas plumas do bello chapéu e disse:

— Não é feio, não; mas faltam dois buracos dos lados...

— Dous buracos, para que? pergunta o caixeiro do bazar.

— Para metter as orelhas do burro que dê por isto 90$!...

⊙

Entre dois individuos, um muito gordo e outro muito magro.

O gordo — Havemos de bater nos!

O magro — Sim, senhor!

O gordo — A' pistola!

O magro — Não acho inconveniente!

O gordo — Mas occorre-me uma cousa: eu apresento um alvo formidavel, porque sou muito gordo, emquanto que o senhor não apresenta alvo nenhum, que é magrissimo.

O magro — Isso remedeia-se bem!

O gordo — De que forma?

O magro — Marcando-se o senhor de alto abaixo com um pedaço de giz, para que o alvo se limite e fique igual ao meu; depois todas as balas que dêm fora do sitio marcado não valem.

⊙

N'um bond:

Que diabo de mania será esta do Fulgencio?

— Qual?

— A de se sentar em bancos que já têm quatro pessoas...

— Ah? isso é para engrossar... o numero de passageiros!

⊙

O dr. X, um medico de aldeia, que não está muito a par dos novos methodos, examina uma sertaneja:

— E' uma dôr, sr. doutor, que me deu no pé; depois veiu para o estomago e agora está no alto da cabeça.

— Pois bem, diz o doutor. Espera ainda mais e d'aqui a dias ella terá desapparecido!

MOLDES CORTADOS
TAMANHO NATURAL

N. 5—Saia..... 1$000

Pelo correio mais 300.